

Caso Eloá: um reality show real

José Glaydson Pereira de Souza

Índice

1	A sociedade midiaticizada	1
2	Metrô demite segurança que instalou câmera em banheiro feminino	3
3	Televisão: A imagem e o espetáculo	3
4	Do Panoptismo ao Seqüestro	6
5	Do Seqüestro ao Panóptico	11
6	Considerações finais	19

Resumo

O presente ensaio é uma reflexão sobre a sociedade midiaticizada e os problemas decorrentes do uso demasiado de câmeras de vigilância no jornalismo. Através do seqüestro da adolescente Eloá Pimentel, em outubro de 2008, discorreremos sobre como uma cobertura dos telejornais ao vivo e 24 horas, pode interferir em um caso de seqüestro. O plantão excessivo em frente ao apartamento de Eloá, o qual se tornou cativo da ação, com câmeras espalhadas por todos os lados, transformou o seqüestro em um *reality show*. E mais que isso, colocou em risco a vida da refém, deixando não só a sociedade informada sobre as estratégias da polícia para resolver o caso, como o próprio seqüestrador, se bem assim o quisesse, bastava que ele ligasse a TV. Tomando como base uma analogia ao Panóptico de Bentham entenderemos como esse ambiente inconseqüente de vigilância midiática foi instalado.

1 A sociedade midiaticizada

Não é novidade que nas últimas décadas o desenvolvimento tecnológico vem transformando o modo como nos comunicamos, trabalhamos e nos relacionamos na sociedade. Vivemos imersos num mundo onde, cada vez mais, aparatos eletrônicos interligados às telecomunicações se inserem com urgência na contemporaneidade, dinamizando processos e provocando mudanças em todas as áreas da vida humana, das relações comerciais e profissionais às pessoais. Tornou-se obsoleto, nos dias de hoje, falar e, principalmente usar, cartas, máquinas de escrever, vinil e outras antiguidades que foram substituídas por *email* ou *scraps*, computador, *cd*, *ipod*. A comunicação via internet venceu limites de distância e tempo, passando a ser efetivada em tempo real. A própria realidade empírica já pode ser reinventada num universo virtual. Isso já vinha sendo feito pela televisão através de suas teledramaturgias, mas diferentemente da ficção e passividade implicados na produção e consumo de uma novela, o modelo propiciado pela convergência das mídias tradicionais – a exemplo da TV – com a informatização possibilitou uma nova forma de interação entre homem e máquina na (re) criação de realidades, como explica Muniz Sodré:

Virtual, artificial ou espectral, o que a expressão designa mesmo é uma variedade de técnicas de modelização e visualização de dados (...) Todo o empenho dessa realidade é técnica é substituir a sensorialidade natural – visão, audição, tato – por informação digitalizada. Complexos dispositivos técnicos em interface geram uma realidade simulada, mas realística ou verossímil. Está em jogo o *ser digital* : um artifício proprioceptivo, sinestésico ou “áptico”, clonagem da realidade primeira governada por leis físicas, que dá ao participante sensação de inclusão ou imersão na cena projetada. (SODRÉ, 2002, p.121)

Paralelamente ao reconhecimento do sucesso dos dispositivos tecnológicos no âmbito da cultura, da comunicação e suas formas de sociabilidade, do fascínio exercido por essas novas tecnologias, não podemos negligenciar o leitor de um aspecto muito importante, “o outro lado da moeda”, contexto deste ensaio:

A sociedade da informação está se transformando uma sociedade vigiada composta de cidadãos eletronicamente controlados, analisados e transformados, apenas, em potenciais consumidores”. (VICENTE, p. 111)

A afirmação acima descreve, em parte, como estamos lidando com as novidades do mundo tecnológico no século XXI. Um bom exemplo disso são os

celulares. Eles estão por toda parte e agregam cada vez mais funções, que vão desde o gravador de voz à filmadora. Hoje em dia, qualquer um pode ser um *paparazzo*, repórter honorário e até mesmo um delator com um objeto desses em mãos. E os modelos de aparelhos se tornam ultrapassados num curto espaço de tempo, novos vão surgindo, despertando a curiosidade e o desejo de serem possuídos. Outro exemplo são as câmeras de vigilância. Principalmente nos grandes centros urbanos, por questões de segurança, as pessoas são observadas desde o momento que saem de casa, nos corredores de prédios, elevadores, nas ruas, metrô, nos ambientes de trabalho, bancos, lojas, *shoppings* etc. São medidas usadas para coibir a violência. Ainda assim, esta não deixa de se manifestar. De forma diferente, sutil, sem agressões físicas e nem perdas financeiras. “Apenas” perde-se pouco a pouco a privacidade e, por que não dizer, a liberdade? Vejamos alguns exemplos de matérias que retratam essa realidade:

2 Metrô demite segurança que instalou câmera em banheiro feminino

Funcionária achou aparato antes de trocar de roupa para sair do trabalho. Responsável foi identificado por que se filmou antes de começar a gravar. (GeCitaioHTML1, 20/03/09)

Cidade terá 72 câmeras de vigilância

Sistema *Olho Vivo* começa a monitorar as ruas 24 horas no dia 20

A partir do dia 20, Uberlândia ganha um reforço no sistema de segurança pública: o videomonitoramento. Conhecido como *Olho Vivo*, o sistema, que lembra o “Big Brother”, conta com 72 câmeras, que estão sendo instaladas em pontos estratégicos do hipercentro e vão vigiar as ruas 24 horas por dia. O monitoramento visa a reduzir a criminalidade, principalmente os roubos a pessoas. (Correio de Uberlândia, 02/06/2008)

Com as mídias, particularmente a televisão, no Brasil, não tem sido diferente. Com a desculpa de levar informação ao vivo, a busca pelo furo, a vigilância aqui existe não em função do argumento segurança pública como no segundo caso citado acima. A vigilância midiática é motivada pelo espetáculo e a conquista de audiência a qualquer preço. Nunca o verbete *realidade* esteve tão na moda. E não estamos agora nos referindo à realidade virtual mencionada no início deste texto, mas à “realidade” enquanto espetáculo, ao “o show da vida” (dos outros) na mídia. Os *reality shows* estão aí para provar. Mas não só eles. Algumas coberturas noticiosas exploram fatos e acontecimentos de forma insistentemente sensacionalista, destacando aspectos mórbidos e

grotescos, “confundindo” limites entre o público e o privado, tal qual os *reality shows*. De acordo com Maria Rita Kehl, a presença intensiva da televisão na vida dos brasileiros tem provocado alterações nas relações entre o público e o privado: “coisas até então reservadas ao espaço da privacidade, hoje ocupam a cena televisiva” (KEHL, 2004, p. 141).

É por isso que, em alguns casos, a pretensão à onipresença da televisão pode ser danosa. Num sentido metafórico, quando as câmeras de vigilância dos *reality shows* se voltam para a cobertura ao vivo de um seqüestro dá-se início a um jogo panóptico de poder, onde não se sabe quem vigia quem, se é a mídia ou o seqüestrador. Assim aconteceu no caso da jovem Eloá Pimentel, em outubro de 2008, como veremos adiante.

3 Televisão: A imagem e o espetáculo

Mesmo com a convergência de mídias em torno da televisão e da internet, a TV pode ser considerada “uma mídia das mídias” (CARDOSO, 2007)). O mesmo pensa Lúcia Santaella ao afirmar que a televisão tem caráter antropofágico, isto é:

Absorve e devora todas outras formas de mídias e formas de cultura, desde as mais artesanais, folclóricas e prosaicas até as mais eruditas: do cinema, jornal, documentário até o circo, teatro etc. (...) a TV pode absorver qualquer outra mídia impondo a elas qualidades de organização, ritmo e aparência que lhe são próprios. (SANTAELLA, 2003, p. 42)

A partir dessa reflexão podemos compreender algumas das principais razões da persistência da TV na sociedade enquanto veículo de comunicação de massa, mesmo com o desenvolvimento voraz de outras expressões midiáticas. Se fizermos um retrospecto, a história mostrará que, desde o seu surgimento nos anos 50, a televisão se expandiu não só como uma forma de entretenimento, como também se inseriu no cotidiano das pessoas, produzindo novas formas de sociabilidade, cultura e participação política. Segundo Eugênio Bucci:

A televisão se tornou a partir da década de 1960 o novo suporte do discurso, ou dos discursos, que identificam o Brasil para o Brasil. Pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato a nossa democracia. (BUCCI, 2004, p. 32)

As mídias se constituem num espaço importante de debates dos temas considerados mais relevantes da sociedade. Entretanto, é certo dizer que, de todas elas, a televisão, especialmente, conquista lugar de excelência na sociedade atual, tanto por conta de seu consumo acessível quanto pelo fato de ter na imagem a essência de sua linguagem. Essas características fazem com que os eventos mediados por ela adquiram maior projeção. Trata-se do poder sedutor da imagem, pelo qual a TV assumiria simbolicamente o lugar do real. Para Bucci (p. 33), “essa é a lei da nossa era, a era do audiovisual: o que não aparece na TV não acontece de fato”. Seguindo o pensamento de Debray, Bucci aponta o lugar do real como o lugar do visível, o que aquele primeiro autor chama de videosfera: “O que não é visível não existe (...) Agora o critério de verdade é a imagem que se apossa da nova videosfera: Uma foto será mais ‘crível’ do que uma figura, e uma fita de vídeo do que um bom discurso” (p.34). Uma equação sintetizaria esse pensamento: Visível = Real = Verdadeiro. Além dos fatores como a concorrência e a busca frenética por um “furo”, isso explica, em parte, o interesse da televisão pelas coberturas “ao vivo”.

Não podemos negar, assim, que vivemos numa sociedade mediada por imagens. Segundo Kehl (2004), da indústria cultural à sociedade do espetáculo, houve um extraordinário aperfeiçoamento técnico de se traduzir a vida em imagem. De forma similar, pensa Sodré (2002), para quem, o aperfeiçoamento das tecnologias midiáticas favorece ao surgimento de um novo *bios*, o *bios* midiático: uma nova forma de vida, mediada por tecnologias de informação e comunicação, um novo modo de ser no mundo, representado pela midiaticização da sociedade. O filme *O Show de Truman*, de acordo com o mesmo autor, se enquadra nessa abordagem:

...a base narrativa do filme norte-americano *o Show de Truman*, em que o personagem principal vive numa comunidade sem saber que todas as suas ações cotidianas, de trabalho, vizinhança, amizade, amor, etc. são cenarizadas e transmitidas a um público mundial, em tempo real, por ubíquas câmeras de televisão, controladas por técnicos e um diretor de programação” (p. 25-26).

Exemplo semelhante no nosso país é o programa *Big Brother Brasil*. No entanto, diferentemente de Truman, personagem principal do filme, os “personagens” do *Big Brother*, sabem muito bem que estão sendo filmados, passando a agir, consciente e/ou inconscientemente, dentro da lógica do espetáculo: “Na sociedade do espetáculo não há espaço para vivermos nossas próprias experiências, são os modelos que vivem em nosso lugar: tudo o que era vivido diretamente torna-se representação” (EZEQUIEL, 2006, p. 140).

Nos *realitys shows*, os personagens representam a si mesmos e, com o tempo, as edições dos programas acabam criando mocinhos e vilões, pois sem isso, o programa não “decola”.

A televisão é uma das principais fontes de espetacularização do contemporâneo. Assim como os telespectadores de *Truman* estavam “viciados” no programa, acompanhando o dia a dia do personagem, seus dramas, alegrias, e deixando um pouco de lado suas próprias vidas, o mesmo acontece com os fãs do BBB. Entretanto, como afirma Sodré (2002), essa nova forma de vida “já se acha inscrita no imaginário contemporâneo sob formas de ficções escritas e cinematográficas” (p. 25). Ou seja, esta conexão entre o vivido e o imaginário, não se encontra apenas nos *reality shows*, como nos exemplos citados. *O Show de Truman*, apesar de se tratar de cinema, é também uma metalinguagem dos shows de realidade televisivos. O importante para nós é ressaltar: Para que haja espetáculo em ambos os casos, é essencial que haja vigilância.

Quando nos referimos à espetacularização na mídia, é comum lembrarmos de programas jornalísticos policiais. Se a origem do espetáculo está no acúmulo de imagens (EZEQUIEL, 2006), estes programas são os que mais se utilizam deste recurso em busca de audiência. Com uma linguagem sensacionalista, vivem em busca dos dramas humanos - a miséria, violência, crimes passionais – para pautar e obter as melhores imagens, que prendam a atenção e sensibilizem os telespectadores. Para tanto, às vezes é necessário montar um esquema de vigilância 24 horas em torno de um possível acontecimento, de uma eventual desgraça. No seqüestro de Eloá Pimentel em outubro de 2008, houve ingredientes “dignos” dessa exorbitante mobilização midiática: paixão, amizade, adolescência, ciúme, etc. Neste *reality show* real, os personagens envolvidos tomaram consciência de que estavam na mídia, a partir de uma cobertura televisiva intensa onde o próprio seqüestrador passou a dar entrevista para vários programas mesmo antes do término do seqüestro. Foram 100 horas de cárcere privado e 100 horas de cobertura jornalística. Vamos ao estranho jogo panóptico que se configurou nesse caso de violência e de cobertura ao vivo.

4 Do Panoptismo ao Seqüestro

O Panóptico trata-se de uma estratégia disciplinar, inventada na Europa do século XVIII e criada com o intuito de manter o poder e o controle sobre os prisioneiros através de constante vigilância. De acordo com Foucault, (1987), o panóptico, idealizado por Bentham, é uma construção em forma de anel com uma torre no centro e celas na parte periférica. Ver figuras 1 e 2 a seguir:

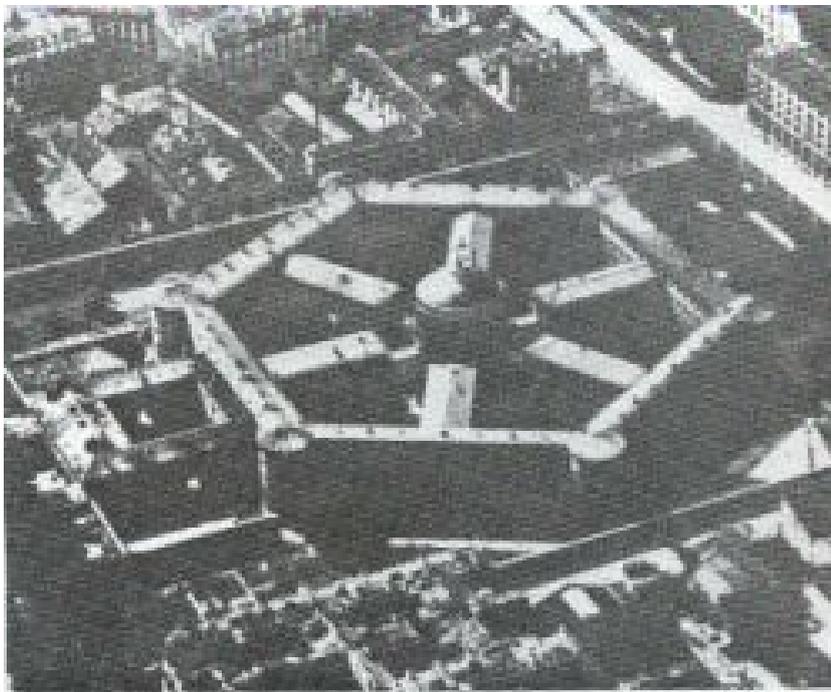


Figura 1: Construção panóptica vista de cima, (Google imagens)

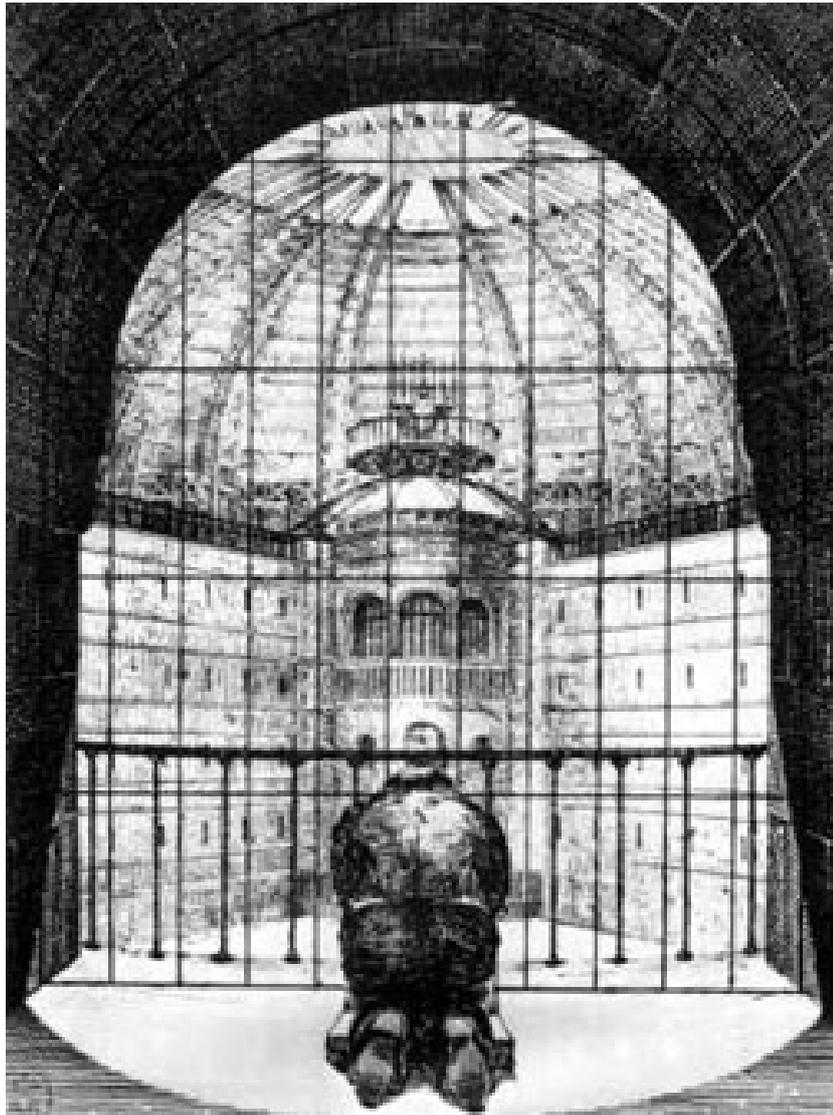


Figura 2: Arquitetura Panóptica de Bentham, (Google imagens)

A figura 2 mostra a visão do prisioneiro dentro de uma das celas. Ao centro, a torre do vigia, única perspectiva de visibilidade do detento. Nesse tipo de construção “a visibilidade é um armadilha”, como afirma Foucault. A armadilha reside nos efeitos provocados nos prisioneiros. O principal deles, segundo o autor, é “induzir no detento um estado consciente de permanente visibilidade o que assegura o funcionamento permanente do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação” (p. 166). Ou seja, a arquitetura panóptica permite o controle de vigilância independentemente de haver vigia na torre, é o princípio de poder de Bentham. Desse modo, o poder devia ser visível e inverificável:

Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre poderá vê-lo (p.167)

Utilizamos, de forma simples, o dispositivo panóptico como uma metáfora para simbolizar o sistema de vigilância da televisão em torno do Caso Eloá. Tal sistema possibilitou ao seqüestrador se informar e ver tudo o que se passava no exterior do cativo. Como? Ligando a TV. Mas antes faremos um retrospecto que identifique os personagens envolvidos no seqüestro-reality-show-novela mais longo da história do Estado de São Paulo. O caso além de trágico por si mesmo, ganhou sensacionalismo e dramatização midiática, pois como afirma Kehl citando Bucci: “É quase impossível se transformar uma fatia da vida, mesmo que seja espetacular, em acontecimento para o interesse das massas, se ela não receber um mínimo recorte ficcional.” (KEHL, 2004, p. 170)

4. A “Novelização” do Caso

Em 13 de outubro de 2008, Lindemberg Fernandes Alves, então com 22 anos, invadiu o domicílio de sua ex-namorada, Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, no Jardim Santo André, (Grande São Paulo), onde a adolescente e três colegas realizavam trabalhos escolares. Inicialmente dois reféns foram liberados, restando no interior do apartamento, em poder do seqüestrador, Eloá e sua melhor amiga Nayara Silva. O motivo do seqüestro: Lindemberg não aceitava o fim do namoro com a jovem Eloá. A história, digna de novela das oito, teve direito a vários lances até chegar ao clímax final. Tentarei enumerar, por ordem cronológica e resumida, como a mídia, com seu aparato de vigilância, (in) diretamente explorou e contribuiu para o desenrolar dos fatos. As impressões folhetinescas abaixo descritas são baseadas nos dias em que assisti programas como: *A Tarde é Sua* (Rede TV), *Brasil Urgente* (Band) e *Hoje em Dia* (Rede Record) entre outros.

1. O jovem apaixonado, inconformado com o fim do namoro, num ato de desespero, invade o apartamento da amada e a faz refém junto com seus

colegas de escola;

2. A mídia inicia uma cobertura intensiva, 24 horas, em frente ao cativo, constituindo um verdadeiro *Big Brother*. Além disso, dá-se início a uma investigação do “quem é quem”, ou seja, o perfil de todos os personagens da trama. E através de Orkuts, parentes e colegas uma descoberta: o seqüestrador tem boa índole e não tem passagem pela polícia;
3. Dois colegas-coadjuvantes são liberados do “cativo” pelo jovem de boa índole;
4. Nayara Silva, a melhor amiga da “mocinha” da trama, é liberada pelo jovem seqüestrador que não sabe administrar seu amor por Eloá, a mocinha;
5. Passado um dia, o jovem apaixonado começa a fazer exigências e uma delas é que a melhor amiga de Eloá retorne ao cativo. Nayara, como uma verdadeira heroína, aceita colocar novamente sua vida em risco;
6. Lindemberg dá entrevista a vivo em rede nacional para diversos jornalistas, começando a ganhar *status* de celebridade;
7. A própria Eloá fala ao vivo com a jornalista Sônia Abrão, do Programa *A Tarde é Sua*;
8. O clímax: Após longa “barriga”, a polícia invade o cativo, motivada por um suposto disparo dentro do apartamento-cativo; no mesmo momento, o mocinho atira nas duas meninas, sendo “controlado” e preso em seguida; neste momento passa a ser visto como bandido;
9. Desfecho: Final triste, mas com redenção: Eloá não resiste aos ferimentos e falece, entretanto, seus órgãos serão doados e salvarão outras pessoas. Já Nayara consegue sair com vida no final da trama.

Esses aspectos fizeram parte da cobertura do seqüestro pela mídia jornalística, às vezes de forma sutil, outras nem tanto. E como sabemos, não é de hoje que o sensacionalismo faz parte da espetacularização televisiva, principalmente quando o assunto é violência. Nestes casos, é comum o jornalista procurar um eixo central que conduza a narrativa a partir da classificação “mocinhos e bandidos”. Conforme Bucci, (2004, p.224-225) existe um “dueto entre o fato e a ficção”:

telenovela e o telejornalismo pactuam entre si uma divisão de trabalho para consolidação discursiva da realidade. Por vezes trocando sinais. Enquanto

certas formulações do telejornalismo governista mais pareciam peça de ficção, muitos dados da realidade bruta entraram para a pauta nacional a partir das telenovelas.

O extinto programa *Linha Direta*, da Rede Globo, é um bom exemplo de uso desse tipo de recurso para se falar da violência. Nele, os assassinos sempre apareciam como vilões e as vítimas quase sempre tinham comportamento pueril. Isso porque as histórias desse programa já tinham começo, meio e fim. Já tinham acontecido e eram baseadas em relatos dos parentes das vítimas. Estavam mais para minisséries, que são obras fechadas, onde os autores e diretores já sabem como terminarão cada personagem. Já “O Caso Eloá” estava mais para novela, que é uma obra aberta, onde não se sabia bem como seria o desfecho. Por isso, no início do seqüestro, Lindemberg aparece nas reportagens como uma pessoa apaixonada que não oferece tanto perigo. Já do meio para o fim, com as exigências feitas, a negociação, o perfil dele começa a ser outro: o de uma pessoa confusa, ciumenta e perigosa. Essas precipitações são conseqüências de um exagero de cobertura, exagero este que se inicia com o excesso de câmeras em frente ao cativo, de onde, Lindemberg, se assim o quisesse, poderia ter uma noção privilegiada de todas as ações da polícia ao redor do local do seqüestro, pois quase todos os canais de televisão inseriam em sua grade de programação longos *flashs* e reportagens mostrando diversos ângulos do local. Em outras palavras, a mídia, com seu excesso de vigilância, semelhante a um *reality show*, também tornou-se vigiada por nós telespectadores e, por Lindemberg, o seqüestrador-celebridade.

5 Do Seqüestro ao Panóptico

Como vimos, as medidas disciplinares aplicadas aos detentos da Europa no século XVIII contavam com o apoio de uma construção panóptica para manter o controle e o poder sobre os mesmos. A torre no centro da construção servia para manter esse controle, independentemente de haver ou não vigia, pois os detentos não tinham como saber disso, mas, mesmo assim, acreditavam que de lá o vigilante tinha visão privilegiada de toda a área. A idéia era desencorajá-los psicologicamente a uma possível tentativa de fuga. No “Caso Eloá”, Lindemberg Alves, o seqüestrador, também obteve uma visão privilegiada do que se passava fora do cárcere onde ele mantinha as reféns. Para isso, contou com o “sistema de vigilância” de vários canais televisivos. As diferentes TVs, cada qual em busca de seu “furo” ou imagem chocante, fizeram plantão em frente ao conjunto habitacional onde o seqüestro se passava. Observe as figuras abaixo:

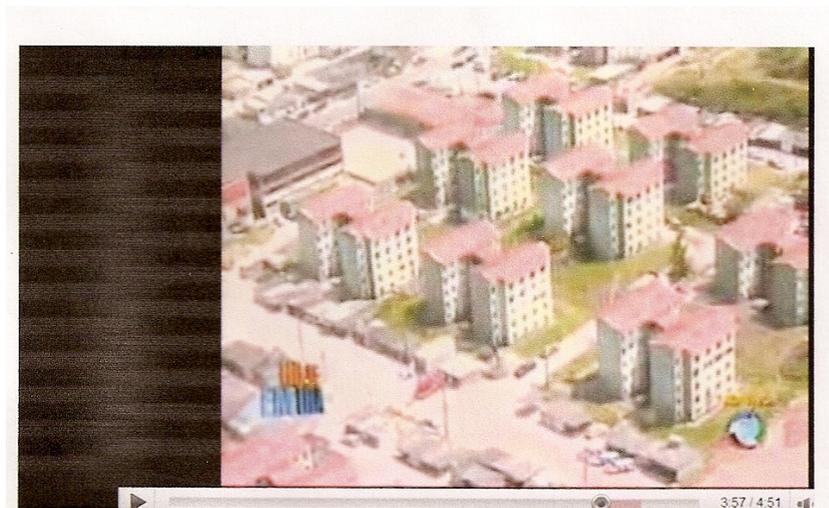


Figura 3: www.youtube.com

1. Programa *Hoje em Dia*, Rede Record

Observe a visão panorâmica do local do seqüestro mostrada pela Rede Record. No jogo panóptico, quem se encontra na torre de vigia aqui, o seqüestrador ou a mídia? O seqüestrador, pois, apesar de Lindemberg se encontrar dentro de um apartamento, a TV não tinha como mostrar o que se passava lá dentro, já o seqüestrador podia saber o que se passava ao redor de toda a área através dessas imagens ao vivo.

2. Programa *Hoje em Dia*, Rede Record

Outro ângulo do cativo, de onde se podia observar a movimentação em frente ao prédio.

3. Programa *Hoje em Dia*, Rede Record

[Warning: Image ignored] Fonte: www.youtube.com

Não faltaram imagens de diferentes ângulos.

4. Programa *São Paulo Acontece*, Band

Veja que o seqüestrador tinha como saber de tudo o que se passava fora do cativo, como por exemplo, quantas viaturas da polícia existiam no local e onde estavam posicionadas. A mídia televisiva atuou como vigia para Lindemberg.

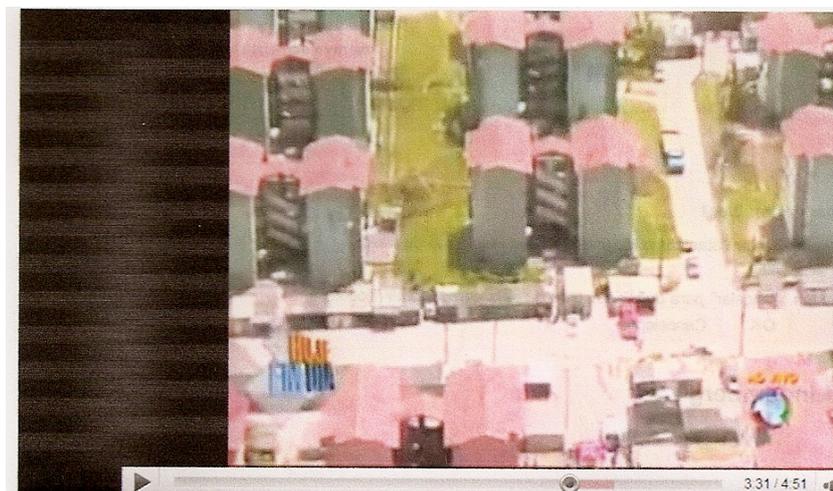


Figura 4: www.youtube.com



Figura 5: www.youtube.com

Seqüestro no ABC: Lindemberg atira pela janela

Figura 6: www.youtube.com

5. Programa *Hoje em Dia*, Rede Record

Mais uma imagem que mostra onde a polícia se encontra posicionada. Mais uma vez, o seqüestrador se encontra na “torre de vigilância”.

6. Programa *São Paulo Acontece*, Band

A imagem acima mostra a refém recebendo comida na janela.



Figura 7: www.youtube.com

Seqüestro no ABC: Eloá recebe alimento pela janela



Figura 8: www.youtube.com

7. Programa *Brasil Urgente*, Band

Eloá, ex-namorada e refém de Lindemberg. Momentos dramáticos, a menina sai na janela para acalmar a mãe. A mídia registrou cada detalhe.

8. Programa *São Paulo Acontece*, Band

A imagem mostra o seqüestrador com Nayara, a outra refém, na janela do cativeiro. Se as TVs não tivessem feito uma cobertura exagerada, esta poderia ter sido a única perspectiva de visibilidade exterior de Lindemberg..

9. Programa *São Paulo Acontece*, Band

Lindemberg exercitando seu poder de outra janela que favorecia o mesmo ângulo de visibilidade da imagem anterior.

10. Programa *Hoje em Dia*, Rede Record

Brito Jr. apresentador, entrevistando ao vivo o seqüestrador. A partir deste momento, Lindemberg também vigiaria a mídia e passaria a usá-la. Observe a tarja que diz que o seqüestro já dura 70 horas. Um verdadeiro *reality show*. Só faltava o apresentador perguntar “quem seria o eliminado da semana” e deixaria a casa.

11. Programa *A Tarde é Sua*, Rede TV

Fonte: www.youtube.com

Momentos finais: Na tarja está escrito que o seqüestro já dura quase 100 horas. O programa *A tarde é Sua* faz uso do sensacionalismo através das imagens dos três jovens. Um dia antes, a apresentadora Sônia Abrão, entrevi-

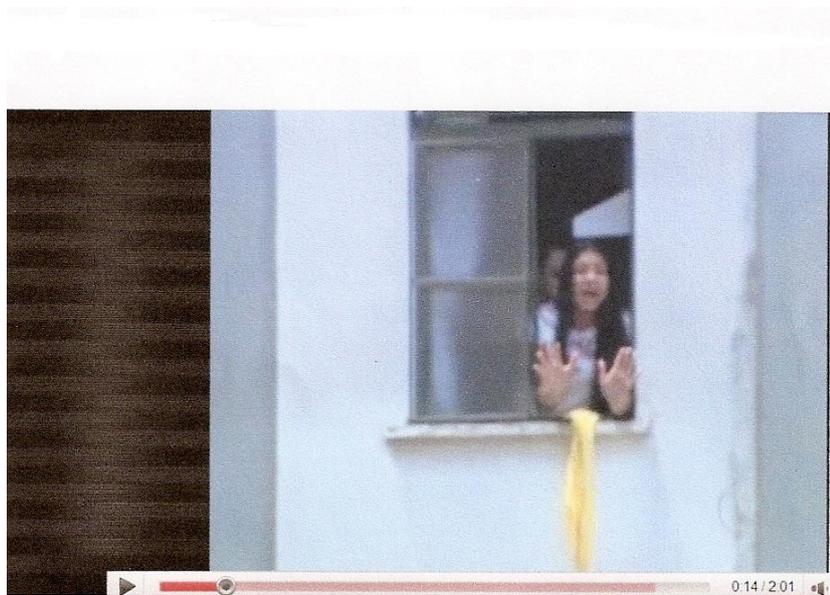


Figura 9: www.youtube.com

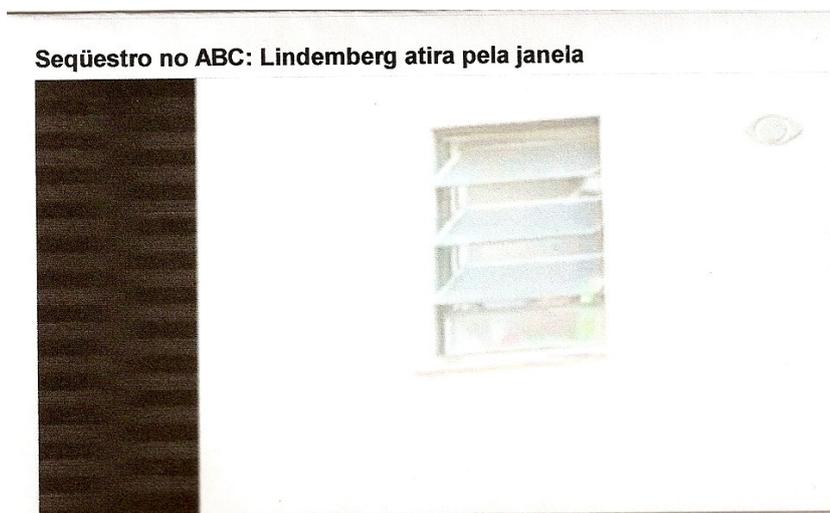
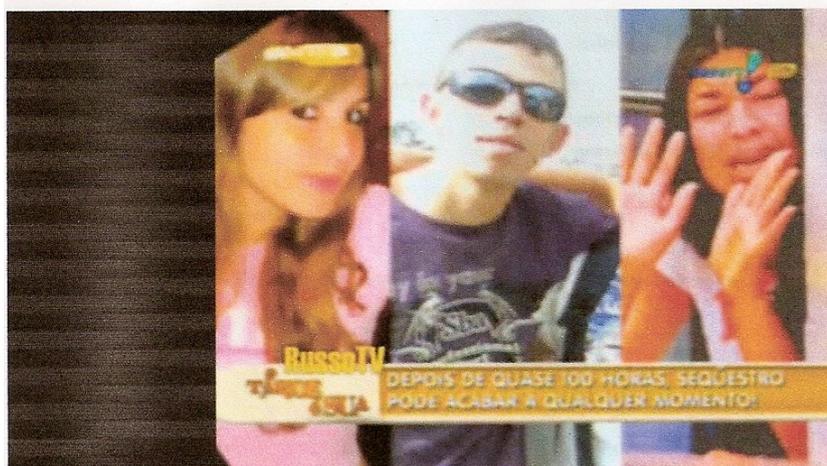


Figura 10: www.youtube.com

Figura 11: www.youtube.com

- Sonia Abrão Entrevista Lindemberg (Sequestrador da Eloá)

Figura 12: www.youtube.com

Momentos finais da tragédia de Santo AndréFigura 13: www.youtube.com

tou Lindemberg e tentou persuadi-lo a se entregar e liberar as moças. Isso só deixou o seqüestrador mais poderoso, pois além de armado, ele estava na mídia.

12. Programa *Brasil Urgente*, Band

[Wa

Fonte: www.youtube.com

Momentos tensos: a polícia invade o cativeiro e as câmeras de TV estavam lá para conferir.

13. Programa *Brasil Urgente*, Band

Fim do seqüestro: Lindemberg atira nas duas meninas e em seguida é preso. Eloá Pimentel, a ex- namorada não resiste aos ferimentos e morre, Nayara Silva, a melhor amiga consegue sobreviver.

6 Considerações finais

O grande problema das novas tecnologias da informação e comunicação não está nos seus dispositivos desenvolvidos e sim na forma como são usadas. Não podemos deixar que o fascínio exercido pela praticidade e conforto advindos desses mecanismos implante uma forma de vida sem ética, sem responsabilidade e com perda de privacidade. Por exemplo, as câmeras de vigilância ajudam a elucidar muitos casos de roubo, assalto etc. Por outro lado, a idéia de ser vigiado o tempo todo é uma questão que deveria ser mais discutida entre



Figura 14: www.youtube.com

autoridades, segurança pública e cidadãos. As câmeras substituem, em parte, o policiamento nas ruas e se ao invés delas os governantes investissem em educação, qualidade de vida e segurança pública (não necessariamente “Sorria você está sendo filmado”) para que não precisássemos ser vigiados o tempo todo?

Seguindo a mesma linha de raciocínio, as mídias nunca devem abdicar de valores como a ética e a responsabilidade. A televisão principalmente, já que é o veículo de comunicação mais popular do Brasil e centro das atenções políticas. Os canais de TV são concessões públicas e deveriam priorizar uma programação de qualidade, sem apelo e sensacionalismo. Os telejornais devem ter compromisso com a informação e não com a banalização. Como pudemos verificar neste trabalho não foi o que aconteceu no “Caso Eloá” em outubro de 2008. O excesso de câmeras em frente ao cativo foi totalmente irresponsável. Mostrar a movimentação policial do lado de fora, vários ângulos do apartamento através de cobertura aérea podem ter influenciado, de alguma forma, o comportamento do seqüestrador. Entrevistá-lo foi colocar a vida das reféns em risco. Por pouco a mídia também não se tornou refém do seqüestrador. Será que foi inaugurado um novo programa de entretenimento na TV brasileira, o “seqüestro *reality-show*”?

Acredito que quando a televisão pretende ser onipresente acaba incorrendo em falta de ética. Ora, nem tudo merece um *flash*, e um caso como

este não necessitaria de uma cobertura 24horas. Crimes dessa natureza, onde alguém corre risco de morte, não pode haver interferência de nenhuma outra instância a não ser aquelas devidamente preparadas. Transformar violência em atração, fazer julgamentos antecipados, não contribuem em nada no que diz respeito a informação jornalística de qualidade. Além disso, é um desrespeito com as vítimas, parentes e com o telespectador.

Referências:

BUCCI, Eugênio. A Crítica de Televisão. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 27-42.

CARDOSO, Gustavo. A Mídia na Sociedade em Rede. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

FOCAULT, Michel. Vigiar e Punir:nascimento da prisão; Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

EZEQUIEL, Vanderley de Castro. O Marketing da Responsabilidade Social e a Transformação das “Questões Sociais” em Espetáculo.In: DE CASTRO, Valdir J; COELHO, Cláudio N. P. (Orgs). **Comunicação e Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 129-153.

KEHL, Maria Rita. Visibilidade e Espetáculo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 141-161.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VICENTE, Maximiliano Martin. Os desafios das recentes rupturas tecnológicas. In: COELHO, Jonas, GUIMARÃES, Luciano, VICENTE, Maximiliano Martin (orgs.). **O futuro: continuidade - ruptura: desafios para a Comunicação e para a Sociedade**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 103-114.

Disponível em:

http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/comunicacao/textos/MVicente_T002.pdf.

Consulta em: 18/03/2009.